

A AULA: O ATO PEDAGÓGICO EM SI

Robson Alves dos Santos
Edson do Carmo Inforsato

Departamento de Didática,
Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Araraquara

Sonhamos com uma escola que, sendo séria, jamais vires sisuda. A seriedade não precisa de ser pesada. Quanto mais leve é a seriedade, mais eficaz e convincente é ela. Sonhamos com uma escola que, porque séria, se dedique ao ensino de forma competente, mas, dedicada, séria e competentemente ao ensino, seja uma escola geradora de alegria. O que há de sério, até de penoso, de trabalhoso, nos processos de ensinar e aprender, de conhecer, não transforma este quefazer em algo triste. Pelo contrário, a alegria de ensinar e aprender deve acompanhar professores e alunos em suas buscas constantes. Precisamos é remover os obstáculos que dificultam que a alegria tome conta de nós e não aceitar que ensinar e aprender são práticas necessariamente enfadonhas e tristes.

Paulo Freire

Para pensarmos em uma melhoria da qualidade de ensino em nosso país, antes de discursos teóricos que, simplesmente, afugentam a prática e não constituem um caminho para a práxis, faz-se urgente repensar a estrutura da aula, ato pedagógico e momento de desenvolvimento de aprendizagem.

Buscar entender a aula é, acima de tudo, refletir sobre os espaços onde ela acontece. Na educação atual, salvas pequenas exceções, as aulas acontecem nas salas de aula, espaços limitados e limitadores, herméticos, fechados em um cômodo que foi construído ou adaptado para este fim. Primeiro engano! Se levarmos em conta que sala de aula pode ser chamada de espaço de aprendizagem, precisamos repensar sua estrutura física também. Sala de aula como espaço de aprendizagem será todo o espaço físico onde ocorre a aprendizagem.

Ao acompanhar a mãe ao mercado, visualizando marcas, produtos, dinheiro, a criança passa por um aprendizado fora do espaço formal da sala de aula. Quando recebe os valores básicos da educação está aprendendo, desenvolvendo-se enquanto cidadão e ser aprendiz. Da mesma forma, na escola, durante o intervalo, ao receber orientações, está aprendendo acerca de convivência, de higiene pessoal, entre outras possibilidades. Diante desses pequenos exemplos, reforçamos que o ato de aprender não se dá apenas nas chamadas salas de aula, mas em todo espaço de convivência onde haja estímulo e solicitação para que a criança assimile uma informação nova, um fato ou mesmo um conceito.

Se por um lado, chamamos a atenção para a aprendizagem informal, desenvolvida em diversos espaços e situações, por outro, abordamos a funcionalidade da aula planejada para os espaços formais e dentro dos postulados pedagógicos esperados em uma escola.

Nossa abordagem não se refere à aula como um aglomerado de situações, técnicas, estratégias e recursos que apenas por eles se estabelecem como elementos suficientes que desenvolvem a real aprendizagem. Essa concepção representa uma mera “maquiagem” para um ato que deve ir muito além para se constituir plenamente.

Um dos autores brasileiros bastante referenciado, ao definir aula, o faz da seguinte maneira:

[...] devemos entender a aula como o conjunto dos meios e condições pelos quais o professor dirige e estimula o processo de ensino em função da atividade própria do aluno no processo da aprendizagem escolar, ou seja, a assimilação consciente e ativa dos conteúdos. Em outras palavras, o processo de ensino, através das aulas, possibilita o encontro entre os alunos e a matéria de ensino, preparada didaticamente no plano de ensino e nos planos de aula. (LIBÂNEO, 1994, p. 45).

A definição apresentada se ocupa de objetivos instrucionais, valoriza a ação do aluno e aponta a assimilação consciente por parte dele, mas não se refere aos aspectos afetivos e sócio-culturais presentes no universo da aula. Ao aceitarmos a aula como um conjunto de meios e condições, não podemos deixar de levar em conta que tais condições incluem aquelas ligadas aos aspectos sócio-afetivos dos alunos e professores para que a aula aconteça de forma a atingir seu propósito. Se entendermos que aprender é construir, não podemos deixar de considerar os múltiplos aspectos desta construção, pois, se assim o fizermos, estaremos excluindo os aspectos do ser e supervalorizando os aspectos do currículo escolar para este ou aquele ano, segmento ou estágio da divisão estabelecida pelo sistema educacional.

Na concepção de uma aula mais humana, que entenda e respeite as habilidades e limitações dos alunos, entendemos que a aprendizagem contribui para o desenvolvimento integral do ser e não pode se reduzir a cópias ou reproduções de uma realidade, na qual a escola se encontra inserida.

A aula, a nosso ver, é o centro do processo pedagógico, momento organizado para a ocorrência da aprendizagem do aluno por meio das atividades de ensino. Se se trata de organizar os espaços e os tempos, a aula, como ato pedagógico, precisa ser planejada e pensada para a ocorrência do processo ensino-aprendizagem, de forma a desenvolver nos alunos as condições para que continuem a aprender mesmo fora do ambiente escolar, com autonomia e reflexão, como seres aprendentes que adquirem certas habilidades de organização do pensamento e da ação, as quais os preparam para continuar aprendendo sempre.

O investimento na aula deve ser maior do que em outros elementos da escola como um todo, pois de nada adianta investir em outros aspectos se o cerne de todo o processo não for repensado de forma coerente e com espaços para as discussões que conduzam a novas práticas pedagógicas que realmente atinjam os alunos. Alunos tendo a oportunidade efetiva de aprender, uma vez tendo as mediações humanas apropriadas e os recursos necessários, é o aferidor principal da qualidade da educação. Portanto, não é possível desenvolver uma educação de qualidade se a aula não for pensada e planejada com a mesma qualidade que se espera atingir. Esse planejamento, repetimos, não se limita a encher a sala de aula de aparatos, lousas digitais e outras tecnologias avançadas. Antes de mais nada, a aula deve ser planejada de forma a produzir aprendizagem significativa nos alunos. Toda a educação, para ser eficaz, precisa ter sentido para o aluno, particularmente a educação formal. Esse sentido está vinculado com a sensação de bem-estar, pois se assim for, o aluno colocar-se-á em prontidões de sempre querer saber mais, ir além do que lhe é transmitido de maneira direta, que, aliás, é o propósito de toda boa educação.

Portanto, o fazer pedagógico não pode ser dissociado da provocação do prazer, do qual o corpo aprendente dele precisa para que o aprendizado ocorra. Aprender, conforme nos ensinam as abordagens contemporâneas, é uma ação em que o corpo do sujeito registra o seu conteúdo e o cérebro, concomitantemente, mantém esse registro se o corpo respondeu bem à mensagem colocada à sua disposição.

Conduzir alunos ao prazer durante as aulas é propiciar condições de aprendizagem que se integrarão em seus corpos, atingindo seus centros de interesse e potencializando-os à assimilação de novos conhecimentos. Assim, prazer e aprender se combinam na consolidação de aprendizagens efetivas.

Por outro lado, dissociar aprender de prazer é reduzir o ato pedagógico à consecução de meros objetivos instrucionais, deixando de lado todas as demais dimensões presentes nas relações de ensino-aprendizagem. É impedir que a vida penetre no ambiente escolar, tornando-o estéril, impróprio para relações de vivência e de aprendizagem. Uma aula de mera transmissão unilateral de conteúdos é algo sem vitalidade, vazio de significados que desestimula a reflexão dos alunos e mesmo dos professores, os quais se acomodam em situações que lhes parecem cotidianas, utilizando-se de práticas ultrapassadas, sem avaliar a eficácia delas para os tempos atuais.

Se queremos ensinar algo a alguém, a preparação da nossa aula tem de levar em conta essa dupla de componentes, algo a ensinar e alguém a ser ensinado, sendo que este último é o protagonista do processo.

A relação ensino-aprendizagem gera vínculos pessoais e de conhecimentos, e a partir dessas relações pode-se potencializar no aluno uma ânsia por sua autonomia, para que haja continuidade nos diálogos com os múltiplos processos de ensino-aprendizagem que ele deverá ter ao longo de sua vida, não apenas nos ambientes escolares.

Nesse sentido, vale reforçar o que nos afirmou Paulo Freire (1998, p. 52): *“Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”* Para isso, é preciso que, no ato de se pensar o ensino, se leve em conta as múltiplas dimensões nele existentes; além das dimensões ontológica, epistemológica, política, ética, pedagógica – há testemunhos e vivências, posto que o ensino se dá nas relações humanas.

Diante disso, planejar a aula é muito mais do que o mero preenchimento de formulários de planos de ensino, seguir aspectos burocráticos para atender às demandas dos coordenadores e diretores. Planejar significa levar em conta a vida na sala de aula e preparar situações que permitam que a vida se faça no ambiente escolar, facilitando assim o aprender dos alunos e a retomada de estratégias e metodologias com vistas ao progresso das relações travadas no ambiente escolar, tanto as cognitivas, quanto as emocionais que, muitas vezes, são deixadas de lado, relegadas ao esquecimento por não estarem ligadas aos aspectos quantitativos valorizados pela escola.

A aula, não resta dúvida, perpetua o papel do professor de organizador de situações de aprendizagem e da sua necessidade de estudar, e preparar tais situações. Aliás, falar da necessidade de uma aula que leve em conta as dimensões humanas não descarta ou diminui a figura e o papel do professor. Uma aula que leve em conta os aspectos humanos do ser re- aproxima o professor de sua dimensão humana de sonhos, frustrações, dificuldades e múltiplas habilidades, dando-lhe condições de também atuar como ser entre seres, na condição de

condutor e de aprendiz, vivendo as relações travadas nas salas de aula, em múltiplos espaços de aprendizagem e não apenas naquelas de formato retangular, com lousa, cartazes etc.

Os alunos aprendem quando menos esperamos, nos seus tempos, nos seus momentos e desejos, mas isso raramente acontece sem as ações do professor, sem a sua interferência humana atenta.

Diante disso, o professor se empolga. Ver o aluno aprender, beber da aula, despertar para novas descobertas e habilidades, tem o papel de inebriar aquele que pensa e repensa nas múltiplas situações e momentos de aprendizagem, conduzindo seus alunos ao crescimento não apenas cognitivo, mas, principalmente, humano.

Contudo, para que a aula seja um conjunto de espaço e tempo propício à aprendizagem do aluno, é necessária a preparação dos docentes, quer nos aspectos dos conteúdos de determinada disciplina, quer na didática exigida para a transmissão de tais conteúdos. Um e outro exigem do docente uma visão aberta do que seja ensinar, pois o conhecimento que se deve transmitir é algo que se organizou no tempo para que os seres humanos nele instruídos tivessem uma visão mais ampla do mundo, mas ele não é inerte e nem está estabelecido como verdade permanente; já a didática, mais do que conjunto de técnicas e métodos para se transmitir, deve ser tomada em sua finalidade de se construir ações suficientes que conduzam ao aprendizado e ao desenvolvimento dos alunos.

Portanto, aula, muito além dos processos burocráticos que tentam traduzi-la nos planos de ensino, constituem ações organizadas, práticas, que conduzem o aluno ao aprender contínuo em um processo reflexivo de constante reconstrução de conhecimentos prévios, de mudança de atitudes frente ao saber organizado que a escola lhe propicia.

REFERÊNCIAS



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 6. reimpr. São Paulo: Cortez, 1994.

BIBLIOGRAFIA.....



CORDEIRO, Jaime. **Didática**. São Paulo: Contexto, 2007.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1999.

MASETTO, Marcos. **Didática**: a aula como centro. 4. ed. São Paulo: FTD, 1997.

MORAIS, Regis de (Org.). **Sala de aula: que espaço é esse?** 5. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

RANGEL, Mary. **Métodos de ensino para a aprendizagem e a dinamização das aulas.** Campinas, SP: Papyrus, 2005.

ROSA, Sanny S. da. **Construtivismo e mudança.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996 (Questões da nossa época, v. 29).

SCARPATO, Marta (org.). **Os procedimentos de ensino fazem a aula acontecer.** São Paulo: Avercamp, 2004. (Didática na prática).

COMO CITAR ESTE TEXTO:

ROBSON, A. S.; INFORSATO, E. C. Aula: o ato pedagógico em si. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de Formação: formação de professores didática geral.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 80-85, v. 9.